

## **Teatro: A doença virótica do amor, por Fernanda Verdasca Botton**

Epílogo: o espetáculo finda, vemos os atores irem embora e o cenário ser desmontado a nossos olhos (Como se um esquecido contra-regra tivesse, descuidadamente, deixado de fechar a cortina). Os aplausos nos são roubados pelo encenador.

Prólogo: nas trevas uma voz ilumina nossas caixas cênicas mentais. Sejam bem vindos ao início de uma história de amor cujo cenário é, assim como nossas vidas, um hospício sentimental. Esta é sensação de dormência virótica que temos ao assistir *Temporada de Gripe*, em cartaz no Teatro Sesi. O texto e a encenação, espécie de ecos amorosos, nos fazem adentrar numa confusão que pode nos fazer sucumbir ao amor ou ao ódio ao teatro de Will Eno e Felipe Hirsch.

Prólogo e Epílogo não são apenas o início e o fim do enredo, são personagens que, como a imitar narrativamente o sentido de nossas vidas, personificam o sentimental otimismo que temos no princípio de uma contaminação amorosa e a dura realidade que nos faz racionalizar, mas não curar, as mágoas do final desta relação.

Além de Prólogo e Epílogo, outras personagens compõem a malha virótica criada por Eno: um Homem e uma Mulher (internos em um hospital psiquiátrico) e um médico e uma Enfermeira (que, no decorrer do enredo, serão sintomaticamente homem e mulher apaixonados em potencial). Os três pares de personagens, em meio à montagem plástica de Hirsch e ao cenário anti-séptico de Daniela Thomas, falam, não só de amor, mas também das incertezas da vida e da eterna morte, muitas vezes representada pelo medo que temos no nosso cotidiano.

A peça vale a pena ser vista mesmo que a consciência de nossa gripe humana não nos permita compreendê-la totalmente. No mínimo, após o espetáculo, o espectador será acometido por um transtorno de que algo está errado no corpo da humanidade.